



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE**

PRESIDENTE: ANDREA MATARAZZO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA-PLANO DIRETOR-CASA VERDE

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 12/12/2013

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Intervenção, expressão ou palavra ininteligível/inaudível
- Exibição de imagens

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Boa noite. Quero pedir desculpas pelo nosso atraso. Infelizmente a sessão ordinária do dia de hoje e extraordinárias se estenderam até 18h55 e a diferença daquela hora até agora, 19h35, foi o tempo que a gente levou para sair da Câmara e chegar até aqui.

Mas quero cumprimentar a todos, agradecer a presença, agradecer a presença de toda equipe da Câmara que nos acompanha, equipe que nos permite não só apresentar, mas também, como o som chegar e todos da imprensa que nos acompanham, mas especialmente vocês.

Quero chamar para sentar ao meu lado o Sr. Fernando Filho, que é o representante do Executivo para esta audiência pública, representando a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, que foi a Secretaria responsável pela elaboração do projeto de lei que trata do Plano Diretor Estratégico da cidade de São Paulo. Quero anunciar que convocamos o nosso Secretário, Fernando de Mello Franco, por isso Fernando Filho está aqui, ele que representa o Executivo na mesa no dia de hoje.

Meu nome é José Police Neto, sou Vereador aqui da Capital, membro da Comissão de Política Urbana e hoje fiquei responsável para realizar essa audiência pública para escutá-los, apresentar o projeto do Executivo e escutar cada um de vocês que tiverem o desejo de se manifestar. Na qualidade de Presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, declaro aberto os trabalhos desta que é a 38ª audiência pública do Projeto de lei 688, de 2013, que trata do Plano Diretor Estratégico. Esta audiência foi publicada no *Diário Oficial* para trazer a população, por isso vocês aqui, no dia 08 de novembro, e também duas publicações em jornais de grande circulação, uma no *Diário de S. Paulo*, no dia 11/11 e outra na *Folha de S. Paulo* no dia 12/11.

A gente já vai deixar aqui as inscrições abertas enquanto o nosso Executivo apresenta a proposta. As propostas que vocês têm para apresentar também poderão ser

encaminhadas por escrito, aqui também vocês podem pegar o formulário para isso.

Quero também chama o nosso Subprefeito da Casa Verde, Rubens Brandão de Souza, para sentar ao meu lado e nos ajudar nesse bom debate que teremos, e também o chefe de gabinete que está aqui com a gente. Então fazemos questão que os dois amigos do território nos acompanhem aqui, tanto o chefe de gabinete como o Rubens, que é o nosso Subprefeito, dividindo a mesa nos ajuda com a população esclarecendo as dúvidas e podendo avançar nesse importante debate.

Vou dar uma pequena explicação dos tempos que temos, até para todos poderem se programar. A ideia é não termos uma reunião com muito mais de uma hora e meia, duas horas. O Executivo vai ter 20 a 25 minutos para fazer a apresentação, sem pressa, com tranquilidade para vocês irem entendendo o que a proposta tem para a reunião e depois vamos abrir a palavra para os nossos dirigentes locais, subprefeito e chefe de gabinete, se assim desejarem falar, depois a palavra vai estar com vocês. Dependendo do número de inscritos, a gente vai dividir o tempo. Teremos, no mínimo, três minutos para cada um, se tiver um número menor de inscritos a gente já divide o tempo para se falar um pouco mais, até cinco, seis minutos, dependendo de quantas inscrições para uso da palavra tivermos. A ideia é que vocês todos tenham as manifestações e aí a gente volta para a mesa permitindo que o Executivo e a gente mesmo possa fazer algumas colocações e aí a gente vai para o encerramento da nossa reunião.

Quero agradecer também, porque vi aqui diversos conselheiros eleitos, conselheiros participativos eleitos, quero parabenizar aqueles conselheiros que foram às urnas se apresentando como candidatos, sejam aqueles que foram eleitos, sejam aqueles que não foram eleitos, mas também a sociedade que participou, a comunidade que participou da eleição, portanto, indo às urnas conferir qual é o melhor destino para o nosso bairro, elegendo o verdadeiro vereador do bairro, que são esses que foram eleitos. Quero agradecer o Takeda, que já está dividindo a mesa com a gente, a última vez que estive aqui foi para fazer uma

atividade com bicicleta e hoje cheguei de bicicleta aqui, no trecho que a Brás Leme encontra as duas subprefeituras, a Subprefeitura de Santana com a Subprefeitura da Casa Verde.

Vou passar a palavra para o Fernando, que vai aí na frente para ficar mais próximo de vocês e poder enxergar um pouco melhor o painel que ele vai fazer a apresentação. Já, de antemão, agradeço todo o esforço que o Executivo tem feito, o Fernando deve ter tido com a gente umas 30 reuniões, no mínimo, entre as que ele fez no Executivo e a que a gente fez na Legislativo. Por isso agradecer todo esforço que o Fernando tem tido em nos ajudar a compreender o desenvolvimento da nossa Cidade.

O SR. FERNANDO FILHO – Quero agradecer a palavra do Vereador Police Neto, a presença do Subprefeito e do chefe e gabinete da Subprefeitura da Casa Verde. Boa tarde a todos e todas.

Quero falar que este é um momento muito importante que a gente está vivendo na história da cidade. Acho que esse projeto de lei tem um debate na Câmara, ele estabelece diretrizes bastante importantes no projeto da cidade, que acho fundamental para que a gente coletivamente se organize para saber que Cidade queremos.

Para iniciar a apresentação, não é a primeira vez, com o Vereador colocou, que a gente está aqui. Até queria perguntar para vocês quem teve a oportunidade, nesse debate do Plano Diretor em participar, se alguém esteve em alguma reunião, se participou de outras audiências públicas. Quero falar que teve um processo conduzido pelo Executivo que começou e foi dividido em quatro etapas. Uma primeira delas foi avaliações temáticas, como funciona a questão do meio ambiente, da mobilidade, da habitação. Na sequência, nas 31 subprefeituras, agora são 32, foram feitos debates, audiências públicas para construção coletiva de propostas. Então essas propostas que estão aqui colocadas foram construídas e forma coletiva. Na terceira etapa a gente sistematizou tudo que foi colocado, é o equivalente do que está acontecendo agora, as audiências vão terminas, tem uma equipe que está aqui sistematizando o que vocês vão trazer de contribuição para este projeto de lei, e vão sistematizar essas

propostas para a Câmara, para a Comissão de Política Urbana avaliar por meio da relatoria do Vereador Nabil Bonduki. E uma quarta etapa, que foi uma devolutiva para toda a sociedade das propostas que o Executivo apresentou e que está aí posta.

Agora passo para um momento importante que é apresentar o conteúdo. Antes de apresentar o conteúdo, acho que é bastante importante dizer que a gente está aqui numa escola, numa escola pública e ela está numa macroárea e estruturação metropolitana. Isso vai ser explicado. Essa macroárea equivale ao Arco do Futuro, que é um programa que tenta pensar um novo modelo de desenvolvimento urbano para a cidade de São Paulo, considerando a complexidade do território de uma cidade de 11 milhões de habitantes, que tem uma região metropolitana com mais de 20 milhões e, ao mesmo tempo, a gente está dentro de um perímetro que é o Arco do Tietê, que é uma área estabelecida dentro do Arco do Futuro para estudos específicos para equilibrar a distribuição de moradia e de emprego na cidade de São Paulo. Então é importante e eu vou lembrar ao longo desta apresentação.

Essa proposta que foi desenvolvida pelo Executivo está dividida em cinco partes. A primeira delas fala dos princípios que norteiam esse projeto de cidade. Eu vou destacar três deles, são cinco, mas três são fundamentais. O primeiro é o direito à Cidade, ou seja, a gente não está falando... Existe uma cultura muito que trabalha na lógica dos privilégios. A gente está falando que a Cidade é um direito, a gente tem que conquistar socialmente para todos o direito à Cidade, ou seja, que todos tenham acesso aos benefícios que a cidade gera, creche, empregos, parque, praças. Outro princípio bastante importante é a gestão democrática, ou seja, todas as decisões, todo processo de desenvolvimento de projetos de lei, como a gestão do que foi estabelecido, que se dê de forma democrática. E tem um terceiro princípio que também é bastante importante, que é a função social da propriedade, a função social da Cidade. O que é isso? Uma propriedade num terra urbana, que é um bem caro, imagine quantas gerações não trabalharam nesse espaço, nessa cidade para construir as ruas, as praças, para erguer essa escola, ou seja, a cidade é construída socialmente. O solo urbano

tem uma característica, se não tiver a propriedade e ela não cumprir uma função social, ou seja, se ela não for utilizada para o bem de todos – isso é definido no Plano, entre outras leis – ela não cumpre sua função social. Então existem instrumentos, existem formas de fazer com que essa propriedade cumpra sua função social. Isso é uma coisa bastante importante que tem que ser frisada ao longo do Plano todo.

Essa estrutura que começa pelos princípios e depois vou explicar todas as demais, foi estruturada a partir de três estratégias primordiais que tentam responder as necessidades urbanas e sociais da cidade de São Paulo. A primeira delas a gente chamou de estruturação metropolitana. A gente está numa cidade que ela tem uma série de cidades vizinhas, elas estão completamente articuladas, um mora aqui e trabalha acolá, outro mora aqui, gera lixo lá, estuda lá, vai no hospital em outra cidade, ou seja, é um território complexo. Para isso temos que buscar estratégias para articular as soluções para esses problemas.

O segundo ponto está ligado à mobilidade urbana, que é otimizar os eixos de transporte coletivo.

O terceiro ponto, que está ligado à gestão democrática, o direito à Cidade, a função social da propriedade, é a redução das desigualdades sociais e territoriais, que a gente chamou de redução da vulnerabilidade.

Agora, para quem estiver com o jornalzinho da proposta, vou entrar no Título II, que fala de como a gente organiza isso. Na página 33 tem os mapas, que são os mesmos que eu vou apresentar aqui.

- O orador passa a referir-se a imagens projetadas.

O SR. FERNANDO FILHO - A primeira forma de organizar o território da cidade, o espaço da cidade, foi dividi-la em duas grandes áreas, que a gente chama de macrozonas. Essa em verde é o território que tem características predominantemente ambientais e o que está em cinza tem características predominante urbanas. Mas seria simplificar demais dividir a cidade só em duas partes, então tem uma outra divisão em áreas, que são essas aqui

estabelecidas que é como uma fotografia da cidade, dos problemas que a gente tem, da realidade urbana que a gente vive em cada uma dessas áreas da cidade, mas, ao mesmo tempo, não é simplesmente um olhar que vê os problemas, é de tentar extrair dessa situação urbana que está colocada em cada parte da cidade e ver os potenciais e as estratégias de transformação desses territórios.

Aqui, em vermelho, está o perímetro da Subprefeitura da Casa Verde. A gente está aqui nesse ponto vermelho que a gente está marcando, que nessa área, que é chamada de macroárea de estruturação metropolitana, que era uma daquelas estratégicas colocada. A gente pode ver que o território da subprefeitura é bastante complexo. Ele tem um sentido vertical, então ele pega desde áreas com características mais ambientais, amarelo aqui, territórios com uma maior vulnerabilidade urbana, ou desigualdades territoriais e sociais, e aqui em laranja são áreas que a gente pode considerar como áreas consolidadas, mas que precisariam ser qualificadas. A gente está aqui; aqui a Inajar de Souza; aqui o Horto; aqui a Freguesia do Ó; o perímetro da subprefeitura, o Campo de Marte aqui, a Marginal Tietê. Em vermelho é uma divisão da cidade em áreas com características semelhantes e com projetos específicos também semelhantes.

Uma segunda estratégia que a gente estabeleceu, em conjunto com a sociedade, foi de otimizar os eixos de transporte público da cidade, ou seja, são lugares que a gente tem uma grande acessibilidade. Nesses lugares aqui, este mapa mostra em azul os eixos existentes, vou passar para o próximo que mostra os eixos futuros. Então a cidade, é bastante importante para estruturar o espaço urbano essa rede de transporte público de alta e média capacidade. Então nesses territórios foi pensada uma série de diretrizes específicas para organizar a estruturação e a melhoria desses espaços.

Então um zoom na Inajar de Souza, o corredor de ônibus existente, a linha azul do metrô, o Campo de Marte, aqui para baixo está cortando – desculpa, está bem clarinho – o Rio Tietê e para cá o Horto. Então esses são os eixos de transporte existentes. No próximo mapa

já fica claro quais são os eixos propostos por meio do Plano Diretor. Aqui uma extensão da Inajar de Souza, aqui a Linha 6 do metrô, que termina na Brasilândia, ela conecta com a estação de trem, vai conectar com a Linha amarela, vão conectar com a Linha Azul, que está vindo daqui. Então são esses os corredores propostos. Aqui, destacando o território da Subprefeitura.

O conteúdo desse mapa, se a gente for ver, tem uma série de outros corredores propostos, na Deputado Cândido Sampaio, na Parada Pinto, na Imirim, na Caetano Alvares, são uma série de corredores que são propostos que afetarão a vida da região. Aqui é uma reunião que tem uma densidade populacional, tem bastante gente, e a oferta de emprego está em geral do lado de lá do rio e as pontes são poucas. Então o objetivo não é criar somente meios de chegar nas áreas onde tem emprego, é trazer o emprego para essa região. Então aqui eu só destaco uma última informação bastante importante desse mapa, que é o apoio urbano norte, que está previsto nos estudos do Arco Tietê, que é um dos perímetros que faz parte do Arco do Futuro, que equivale, são bastantes nomes novos, que equivale àquela macroárea vermelha, que é de estruturação metropolitana. A gente está aqui e esse apoio urbano norte, essa palavra urbano é bastante urbano, porque não é simplesmente fazer um corredor de ônibus, ou simplesmente uma habitação que gera a cidade, o direito à cidade, a cidade é complexa, ela tem a padaria, ela tem calçada, tem o parque, tem o equipamento público, então tudo isso tem que ser pensado de forma articulada. Nesses corredores, que são os corredores de ônibus, ou nas linhas de metrô e trem, foi definido um perímetro, que a gente chamou de estruturação da transformação urbana, ou seja, uma transformação urbana que se quer e estamos estabelecendo alguns critérios que orientam para onde essa transformação iria.

Para deixar claro qual é a área que isso passa a valer, nos corredores de ônibus, que é um exemplo, são 150 metros para um lado e para outro; na estação de Metrô são 400 metros ao redor dos acessos a essas linhas.

Aqui é uma situação urbana ilustrativa de tudo aquilo que agregamos daquilo que traria uma qualidade urbana para esses espaços ao longo dos corredores de ônibus e linhas de Metrô e trem. Então, aqui, nesses lugares a ideia é de que tenha uma largura mínima de calçada de 5 metros; que a gente também estimule o uso misto para gerar emprego e renda. E, aí, alguns outros princípios: fachada ativa; fazer com que aqueles grandes muros não existam nesses espaços; a fruição pública que, de repente, um novo empreendimento desses que estão sendo lançados, que eles recuem um pouco e crie uma praça pública; os estímulos às vagas de garagem, como forma de incentivar o transporte público, já que estamos perto de corredores de média e alta capacidade; e um outro que é a cota parte.

Então, só para explicar de uma forma bastante gráfica. Na Cidade, temos um parâmetro que chama coeficiente de aproveitamento. Nesses corredores de ônibus e linhas de Metrô e trem, para cada uma daquelas áreas com cores específicas e onde está esse vermelho, você pode construir mais. Então, essa tabela estabelece, um pouco, esses valores. Estabelece os valores do coeficiente de aproveitamento, que é quantas vezes você pode construir a área de seu terreno, e nos eixos, que é quando passa o corredor de ônibus, Metrô e trem, quanto isso passa a ver. Isso é bastante importante porque esse é um dos fatores que estimula a transformação urbana. Para que a transformação urbana seja uma transformação que gere qualidade, espaços bastante interessantes para a vida da região, queremos que tenha fachada ativa, ciclovia, acessibilidade; aqui temos um corredor de ônibus que tem a prioridade para o transporte público, que beneficia a todos. Aqui temos um desenho de edifícios que tragam a combinação de usos residenciais com não residenciais, creches, escolas, serviços, comércios. Enfim, estou enumerando todos esses parâmetros que a gente trouxe junto com os eixos de mobilidade para tentar fazer com que essa transformação urbana qualifique o espaço da Cidade. Uma outra são as vagas de garagem. Hoje, ela privilegia o uso do automóvel e gera espaços como esse. Então, aqui tem uma foto do Parque D. Pedro, que é um dos parques que a gente poderia dizer que está no coração da Cidade e me arriscaria dizer

que essa é uma das maiores rotatórias. Não é um espaço que agrega valor, que você vai fazer um piquenique no domingo, vai encontrar alguém. É um espaço que não agrega.

Então, essa lógica do automóvel, que você tem que ter, ao longo dos rios, essas vias expressas, esses viadutos que você mal consegue atravessar a pé, é um pouco a lógica da estruturação da Cidade que vivemos hoje, além da concentração de emprego.

Então, o que foi proposto? Foi proposto incentivo ao transporte público e, desse modo, uma proposta que, para as residências, você teria cada apartamento ou cada residência tem uma vaga de garagem. As outras vagas, para aqueles que querem ter três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez carros, teriam que pagar essa contrapartida financeira, e essa contrapartida financeira vai para o Fundo Público de Desenvolvimento Urbana, o Fundurb, e investir em melhorias urbanas – habitação de interesse social, equipamentos públicos, e nos usos não residenciais há um outro parâmetro específico.

Aqui uma outra foto que para mostrar que, de fato, a Cidade que a gente vive hoje, tem uma série de problemas. Aqui é uma situação que tenta ilustrar isso. Mas tem uma série de potencialidades. Então, é uma questão de tentar organizar esse espaço público, tentar fazer dessa situação que tem uma série de riquezas, mas uma série de problemas, tentar fazer disso um pacto social para trazer qualidade. Então, essa apresentação no bairro, tem como objetivo mostrar quais são as propostas para a Cidade como um todo, mas ao mesmo tempo como isso afeta a região.

Nessas áreas, como tinha mostrado naquele gráfico em que o vermelho passa a poder construir mais, não adianta simplesmente construir mais metros quadrados de concreto. Não é isso que vai dar vida, não é isso que vai gerar emprego ou que vai equilibrar o quanto as pessoas estão distribuídas na Cidade. Tem um parâmetro bastante importante, que é cota parte, que define, para um determinado terreno, qual o número mínimo de habitações que a gente tem que ter. É um número que é bastante importante, porque não pode ser muito alto, nem muito baixo. Então, é um instrumento que é uma novidade para o Plano, e foi estabelecido

para cada parte da Cidade. Esse parâmetro foi calculado em função daquele mapa com várias cores.

Tem um outro instrumento que é aferição pública e vou passar para uma outra parte da apresentação, que também é bastante importante, que é a questão da habitação.

A questão da habitação. Existem Zonas Especiais de Interesse Social. Nessas zonas, que estão marcadas em vermelho, são zonas que, nesses perímetros, para qualquer construção que seja feita, tem que estabelecer uma proporção entre usos de interesse social e usos residências permitidos. Então, nessa região, que naquele mapa está marcado em vermelho, se for construir tem que garantir para HIS 1, que são para famílias com renda de 0 a 3 salários mínimos; uma porcentagem na ZEIS 1, de 40%. Então, 40% são para famílias de 0 a 3 salários mínimos. Os outros 20%, no mínimo, para famílias de 3 a 6 salários mínimos. Então, toda aquela área que está marcada em vermelho, necessariamente, qualquer transformação urbana tem que garantir essa proporção. Essa proporção muda em função de diferentes tipos de áreas vermelhas naquele mapa aqui.

Essa área vermelha está dividida em quatro e cada uma delas tem uma característica diferente. Umas são áreas mais vazias; outras são áreas mais no Centro, que são as ZEIS 3; outras são áreas mais de cortiços e favelas. Então, está estabelecido um percentual para cada uma dessas de 0 a 3 salários mínimos e de 3 a 6. Os outros usos são permitidos.

Agora, temos a terceira parte do Plano, que trata dos sistemas urbanos e ambientais.

Esses sistemas urbanos e ambientais são cinco: sistema de mobilidade urbana, ambiental, equipamentos públicos, habitacional e saneamento, que compõe a rede de água, esgoto, lixo e drenagem para atacar a questão das enchentes. Esses sistemas ajudam a estruturar o espaço da Cidade.

Então, área da Casa Verde, sistema de áreas verdes. Aqui está proposto um

conjunto de parques, muito em função da construção do trecho Norte do Rodoanel.

Sistema de abastecimento de água, sistema de esgoto. Aqui você consegue ver que nos principais córregos têm uma série de ações propostas para coletar esgoto para que não seja jogado no rio. Resíduos sólidos. Aqui, em vermelho, foram propostos ecopontos e aqui são ações no sistema viário estrutural, e temos essas avenidas que, futuramente, receberão corredor de ônibus.

Esse mapa eu já apresentei, com o Metrô que está proposto, Linha 6, vai até a Brasilândia.

Sistema de equipamentos. No caso, CEUS. Temos o CEU da Paz, o CEU Jardim Paulistano e aqui, na Subprefeitura da Freguesia do Ó, temos um CEU bastante próximo à Inajar de Souza.

O último, que é a questão da Habitação, trata das áreas de risco. Então, fica claro que mais próximo da Serra da Cantareira temos uma série de partes da Cidade que enfrentam esse problema de deslizamento de terra, e que uma das estratégias seria desenvolvido um plano municipal de combate a essas áreas de risco.

Esses corredores, linhas de Metrô e trem têm um papel importante na estruturação, mas, querendo ou não, como a Cidade é bastante complexa, para chegar a uma escala local, tem um outro instrumento, uma outra estratégia que foi estabelecida, que chamamos de áreas de estruturação no local, que incide nos bairros. Tem um diagrama bastante explicativo que acho que pode ajudar a entender. Aqui é como se fosse uma linha de Metrô, ou trem, ou corredor, e aqui é como se passasse um córrego e, enfim, favelas em cima do córrego, um córrego com água suja. E o que se propõe? Que essas favelas sejam urbanizadas e que a gente construa habitações de interesse social dentro daquelas proporções: famílias de 0 a 3, de 3 a 6.

Além disso, depois, que a gente tratasse da questão da drenagem, que esses rios não alagassem, que a gente pensasse em formas de microdrenagem, que fossem retendo

essas águas, e isso articulado a praças e parques ao longo desse rio qualificado e arborizado.

A gente pensa, também, que essas habitações poderiam ter comércios, serviços, creches, escolas, equipamentos para dar vida a esse espaço público que tem o rio como espinha dorsal, ciclovias também.

Ou seja, o que se pretende identificar em cada território, em cada subprefeitura, áreas com essas características, que poderiam receber uma série de ações articuladas para qualificar o espaço público. Mas isso, de alguma forma, são estratégias para melhorar o espaço da Cidade. Para fazer isso, a gente precisa de instrumentos. Vou apresentar um deles, a título de exemplo, que é a outorga onerosa do potencial construtivo. Então, a gente tem um terreno aqui na Cidade, você pode construir essa área sem pagar nenhuma contrapartida. Agora, e construir mais que isso, é necessário pagar uma contrapartida que vai esse fundo público. Esse fundo público pega essa verba e investe em melhorias urbanas com caráter distributivo. Então, esse é um dos instrumentos para fazer com que a gente consiga um pacto coletivo, estabelecer esse projeto de Cidade e estabelecer formas para que esse projeto seja viabilizado.

Então, só para trazer um dado importante com relação a esse instrumento da outorga onerosa, desde que ela foi implantada, em 2005, no primeiro plano, ela gerou um bilhão de reais. Isso parece muito, mas se a gente olhar o total que os empreendimentos imobiliários geraram nesse mesmo período foi de 95 bilhões de reais. Então, 1% de tudo o que o mercado movimentou, em termos da construção civil, 1% foi arrecadado pelo Poder Público para reinvestir em melhorias urbanas, como essas aqui, de canalização de córregos, urbanização de favelas, essas coisas todas.

Então, só para concluir. O último capítulo, que recupera um daqueles princípios, que é gestão democrática, como foi colocado no começo do Conselho Participativo Municipal, é como esse Conselho Participativo, que foi eleito; como as associações de bairro; como o Fundurb, que é aquele órgão que recebeu aquela verba; como o Conselho Municipal de

Política Urbana; como os outros instrumentos de planejamento orçamentário do Município; como todos esses agentes se organizam para acompanhar a implementação do Plano.

Então, ele fala de como funciona o Fundurb, como é composto; como a gente articula o Plano Diretor com os outros instrumentos de planejamento orçamentário.

Por fim, o último capítulo, foi estabelecido, na zona Leste e na zona Sul, dois perímetros de incentivo ao desenvolvimento. Na zona Leste, foram pensados uma série de outros benefícios para estimular a geração de emprego e de renda. Ou seja, para os usos não residenciais, já que é uma área que tem muita residência, a gente quer gerar emprego. Para quem ocupar essas áreas com usos não residenciais não paga aquela outorga onerosa.

As duas últimas imagens, para finalizar. Todas aquelas macroáreas e aqui, em preto, mostrando, dentro do perímetro da estruturação metropolitana, o Arco Tietê, que é uma área que está sendo estudada para pensar o apoio Norte da Marginal Tietê. E aqui um zoom, uma foto do satélite. Então, aqui o perímetro da Casa Verde, aqui o Arco Tietê e estamos aproximadamente aqui, em uma área de estruturação metropolitana e que também está em um perímetro, que está sendo objeto de estudo para qualificações urbanas.

Então, era isso.

Obrigado. (Aplausos)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço ao Fernando.

Tem a palavra o Subprefeito da Casa Verde.

(NÃO IDENTIFICADO) – Agradeço a todos que compareceram.

O assunto é o debate. Os moradores sabem o que querem. Precisamos, agora, colocar isso no papel e pedir, solicitar que se precisarmos mais, vamos pedir para que os nossos técnicos que acrescentem.

Os nossos problemas são os da cidade de São Paulo: habitação, educação, saúde, principalmente, recentemente, o Prefeito inaugurou, na Freguesia do Ó, esperamos que logo, logo, tenha uma inauguração aqui da nossa Hora Certa, em nossa região. Precisamos,

também, de um CEU, que a Casa Verde não está contemplada.

Uma das coisas que eu reparei, no Plano Diretor, é que a faixa do vermelho, praticamente está na divisa da subprefeitura. Então, ela vai pegar metade nossa e metade da Freguesia do Ó e metade de Santana. Então, a nossa faixa a gente vai dividir com alguém.

Eu acho que precisava de uma mancha bem no centro da Casa Verde, para trazer mais incentivo ao comércio, dos empresários, dos empreendedores da Casa Verde. Os técnicos é que vão fazer essa avaliação e trazer mais melhorias para a nossa região. Obrigado.
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço ao Rubens. Eu e o Takeda vamos falar no final. A (ininteligível) que a gente vai estabelecer agora. Tem dois inscritos. Vamos deixar abertas as inscrições.

A ideia é que, em cima da apresentação feita pelo Fernando... Vou pedir até para o pessoal que está operando para deixar uma das imagens, que é aquela que exemplifica mais o território, porque isso ajuda o pessoal, então ela fica como estímulo para vocês darem suas contribuições. A ideia principal da audiência pública é colher contribuições da sociedade para que o Plano Diretor, quando aprovado, reflita os desejos da sociedade. Cabe tudo no Plano? Não, no Plano não cabem todos os nossos sonhos, mas têm de caber as prioridades do que a gente interpreta para os próximos três mandatos de prefeito. Vamos imaginar 12 anos, cada mandato com quatro, que a gente vai programar o desenvolvimento.

O (ininteligível) falou: Poxa, essa área de desenvolvimento está muito próxima da Marginal, (ininteligível) nós precisamos algo mais para o miolo do bairro. Mas vamos lembrar que o miolo do bairro é zona mista, portanto permite a acomodação da atividade econômica e também habitação. Só nas zonas estritamente residenciais, mas tem muito poucas zonas estritamente residenciais na Casa Verde, Limão e Cachoeirinha. Se não me engano tem uma só.

É esse debate que a gente quer estimular hoje, estimular essa leitura do território

que vocês já começam a enxergar que tem de receber mais investimentos e a gente ir apontando esses investimentos. Como o (ininteligível) falou, a gente enxergou o CEU que está na Brasilândia, mas não enxergou essa intervenção aqui. Discutir muito essa porção mais próxima da Marginal, porque ela vai ter a maior transformação, então tudo que está dentro do contorno vermelho, batizado de Arco Tietê, é o que vai ter a maior transformação, junto com o que o Fernando mostrou, que são os 150 metros para cada lado dos corredores de ônibus, dos corredores de trens e do metrô, tanto os que já tem como aqueles que serão construídos.

Quanto mais se conseguir aproveitar a infraestrutura instalada... Instalar estrutura gasta dinheiro; fazer linha de metrô, corredor gasta dinheiro, então tem que trazer, tanto quanto possível, o maior número de pessoas para morar próximo desses corredores, desses eixos de transformação e de estruturação. Alguns já são eixos de estruturam o território, outros vão realizar uma transformação.

A ideia é vocês darem as contribuições, todas serão gravadas, porque importa não só ao Police Neto, mas aos 54 outros vereadores, tudo que for falado aqui. A equipe do Relator está aqui; o Vereador Nabil Bonduki participou de todas as audiências públicas, no mínimo de 30 das 38 que a gente realizou, mas a equipe dele participou de todas. A equipe do nosso mandato, assim como a equipe da comissão, também participou de todas de forma a reunir as informações das 32 subprefeituras num texto único a partir do que o Executivo trouxe.

A dinâmica a partir de agora é a fala de vocês, da população desse território, dos três distritos que compõem a Subprefeitura. Vou chamar o Paulo Matos para falar primeiro, já agradeço a sua contribuição.

O SR. PAULO MATOS – Obrigado. Boa noite à Mesa, a todos os presentes. Eu gostaria de falar sobre habitação. No caso, não só os corredores de ônibus deveriam ter o benefício de aumento da capacidade de construção, mas também toda a área urbana, principalmente a área central da Cidade, que hoje tem prédios muito velhos que deveriam ser desapropriados e feitas novas construções. O poder público às vezes constrói prédios de cinco,

quatro andares. Eu acho que isso não deveria ser permitido, porque quanto mais baixo o prédio mais cara a construção, mais caro para o pessoal pagar, porque hoje a área para comprar, em São Paulo, está muito cara. Então, se você faz um prédio de quatro, cinco andares no lugar em que poderia fazer um prédio de 30, o custo para o consumidor, para quem vai comprar o apartamento, é muito menor, além de o condomínio ser dividido para todos de uma forma mais branda, não ser tão agressivo, um controle mais eficiente. Eu acho que esse é um dos grandes problemas da Cidade, porque a gente tem que proteger a área verde que é a Serra da Cantareira e também proteger a Serra do Mar, porque quanto mais esparramar a Cidade para a periferia mais vai jogando as pessoas para mais longe e dificultando mais, criando um grande problema de transporte.

Eu já mandei vários projetos de transporte e até contempla essa área, mandei agora para o metrô, uma linha que sai do Terminal Dutra – até consignei isso na faculdade -, passa pela Praça do Trote, Unip, Center Norte, Lar Center, Expocenter Norte, segue em frente, passa pelo Parque da Juventude, depois passando pelo Parque Anhembi, Sambódromo, pode ser construída ali na futura estação do trem bala, que ninguém sabe se vai ser feito, passa pela Casa Verde, Avenida Rudge, depois pode passar para... tem algumas estações ali, Parque do Paissandu, Anhangabaú, Nove de Julho, tem ali a conexão com a Linha Verde e corredor Santo Amaro. É uma linha que eu acho muito interessante, porque ela pega toda uma artéria da Cidade.

Também aproveitando a oportunidade, ali na CPTM as linhas deveriam ser subterrâneas, porque ela dificulta muito a mobilidade dentro da Cidade com viadutos que pode até deixar, porque já estão construídos, mas, se fizer uma linha subterrânea, pode fazer uma linha viária em cima e até mesmo fazer um VLP ou qualquer coisa. A dificuldade ali na Estação da Luz... A Estação da Luz permanece sempre do jeito que está, que ali não pode mexer. Então vem com uma linha viária, pode passar na frente da Estação da Luz, a linha viária por baixo, quase pegando com o Parque, e deixar a linha sobre superfície ali naquele local. Eu

acho que seria só isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço ao Paulo Matos que abordou questões importantes, o conceito da cidade compacta, do aproveitamento mais intenso dos lotes mais próximos da região central para proteger as áreas ainda não habitadas, em especial dos principais maciços vegetais, Serra da Cantareira e Serra do Mar, dois ambientes que devem ser muito tratados.

Uma questão importante da Subprefeitura da Casa Verde é que ela começa na Marginal e termina lá na Cantareira. Por isso fizemos questão de deixar esse mapa, que o Fernando disse que nem coube no mapa a ponta dela, porque está dentro da mata mesmo, dentro da Cantareira, lembrando que parte dela já está em processo de intervenção do Rodoanel, que corta a parte mais posterior que fica entre o cinza da ocupação habitacional e a parte menos povoada aqui da ponta, então o Rodoanel está passando aqui em cima. É importante a gente entender as transformações que estão em curso. A mesma coisa que o Fernando mostrou, que é a linha do metrô que passa próximo daqui, não está dentro desse território, mas atravessa a Marginal e sobe para a Brasilândia.

Vamos chamar o segundo inscrito, o Lino, que foi candidato a conselheiro eleito do território. Parabéns pela candidatura. O Subprefeito me contou uma questão interessante. Eu perguntei ao Subprefeito quem convidou todo mundo que está aqui, ele falou: Acho que muitos estão aqui por causa do diálogo dos conselheiros, que foram falando para um e para outro. As nossas últimas reuniões estiveram muito mais esvaziadas do que esta, que está cheia se comparada com todas as outras; para a gente ver o conselho participativo já começa a dar resultado. Hoje é um dia de alegria, porque logo depois da eleição a gente vê que o conselho já funciona como instrumento poderoso de chamar a sociedade para o debate. Parabéns aos conselheiros eleitos e aos que participaram, porque os que não foram eleitos também estão ativando a população.

Lino, a palavra é sua.

O SR. LINO – Boa noite a todos, Vereador, Fernando, Subprefeito, Rubens, Takeda.

Bastante orgulhoso de ter sido eleito conselheiro, cargo que tem que ser coberto com muito amor, muito carinho, conhecimento e muita vontade. Ao mesmo tempo é uma responsabilidade muito grande, porque o conselheiro teoricamente representa dez mil eleitores do seu território. Convido imediatamente todos para fazerem parte da discussão junto com os conselheiros da sua região, para que pensem o seu território, o seu espaço de vida e aquilo que a gente quer.

Temos observado ultimamente que a individualidade sempre esteve meio em desuso, mas cada vez mais. Temos que pensar no coletivo. Na Casa Verde a gente também tem que pensar o coletivo com algumas condições. A primeira situação é qual é a vocação do nosso bairro, o que nós queremos para o nosso bairro. A questão da saúde, dos hospitais, creches, escolas é bastante visível, bastante latente, é uma necessidade imediata. Mas a minha proposta de discussão é a vocação que nós temos. Será que o que nós queremos como modernidade passa pela verticalização, pela construção de prédios, como muitos falam? Ou será que os nossos valores estão exatamente nessa pouca verticalização e na coisa do bairro, de conhecer o filho dos vizinhos ainda, de as crianças ainda poderem brincar nas ruas. Que vocação é essa que nós temos que aproveitar da nossa região?

Tive oportunidade de escrever dois livros da região, um foi meu TCC na faculdade, *A Evolução Urbana do Parque Peruche e sua Gente*, que foi utilizado como livro paradidático em algumas escolas públicas da região, e tive oportunidade de pensar sistematicamente, tecnicamente a região do Parque Peruche. Depois junto com o Brito, companheiro de estudos, neste ano nós fizemos o livro *Cem Anos da Casa Verde*, (ininteligível) Casa Verde, fizemos uma releitura de fotos de antes e do depois, das transformações do bairro baseada em duas outras obras que já existiam sobre o bairro.

A constatação principal que trago para discussão é a vocação cultural, artística e

esportiva que a nossa região tem. Somos berço de boa parte das escolas de samba. Somos berço de boa parte de núcleos esportivos. Saíram desta região grandes nomes do esporte, não só do futebol, mas do boxe, do judô, do atletismo.

Muitas vezes não conhecemos a nossa história e as nossas riquezas e procuramos soluções no imediatismo que não vai acontecer, como grandes obras físicas que são necessárias, mas não são imediatas, dependem de estudos e têm de ser feitas de uma forma muito criteriosa. Minha proposta para a nossa região é pensar e dialogar sobre essa questão da economia criativa. Não estou falando do samba pelo samba, não estou falando do esporte pelo esporte, não estou falando da cultura pela cultura, mas como inserção cidadã, de gerar renda no local, aproveitar isso para não deslocar as pessoas pelo resto da cidade.

Vou dar um exemplo claro, para ficar mais óbvio: A mão de obra das escolas de samba de São Paulo, a mão de obra que ganha mesmo, invariavelmente vem de Rio de Janeiro e Parintins. Os nossos jovens são utilizados aqui, saem, às vezes, com salário muito baixo. Não aprendem, não existe uma formação. Essa formação poderia ser feita dentro do nosso território e não para mão de obra simplesmente para o samba, para o carnaval, mas sim com vitrinista, como cenógrafo, como outras profissões que você tem o ambiente em meio à cultura e à arte.

Segunda questão que quero propor aqui, também ligada ao meio ambiente. Nós estamos muito próximos da Serra da Cantareira, próximos não, estamos dentro da Serra da Cantareira, ela faz parte do nosso território, e por isso talvez a gente esqueça um pouco que falta verde no meio da gente. Existe uma proposta bastante interessante do Instituto Reicei, na Chácara do Niasi, de fazer uma escola ambiental e logo ali ao lado, tem uma outra parte do terreno para se aproveitar e pensar num CEU ambiental, logo na frente da Chácara do Niasi temos um complexo já praticamente pronto, com Garcia D'Avila, com uma EMEI, com balneário e com um terreno que dá inclusive até a Caetano Álvares. O problema desse território, que é um território mais íntimo para mim, fui nascido e criado. É claro que isso pode ser extensivo ao

restante de toda área da subprefeitura da Casa Verde, mas especificamente no distrito da Casa Verde, eu enxergo isso com bastante naturalidade, para gerar renda, para as pessoas se deslocarem menos, para as pessoas terem cada vez mais orgulho do lugar onde vive. Um resumo bastante esdrúxulo até, por favor, me entendam bem, é criar dentro dessa região uma nova Vila Madalena, mas não com as características da Vila Madalena, com as características daqui, com a preservação dos costumes e dos locais e daquilo que nós temos dentro da nossa região. Uma senhora que cozinha bem, o turista que vem para São Paulo ele não vem procurar o que ele acha em qualquer lugar do mundo, ele vem procurar o diferente e a Casa Verde tem essa condição de apresentar, por exemplo, turismo de negócios, porque ao lado da nossa região o Anhembi é um complexo que atrai milhões de turistas todos os anos, está ao lado da nossa região, nós temos todas as condições de se organizar, mas para isso tem que ter a participação, tem que ter o diálogo e tem que ter a cobrança, mas a cobrança pela cobrança fica esvaziada, mas a partir do momento que a cobrança é feita através do conhecimento daquilo que nós queremos e falamos a mesma língua, lavamos a roupa suja dentro da nossa casa, nós chegamos a um consenso, acho que a região tem um potencial muito grande de um destaque na economia criativa, no sociocultural ambiental. Então essa proposta que deixo para a Mesa.

Quero agradecer a oportunidade, a fala. Fui conselheiro eleito, já me coloco à disposição mesmo antes da posse, em 25 de janeiro, acho que é uma questão que não é só técnica de título. Eu, humildemente falando, me senti um pouco de conselheiro por amar o bairro, por amar as pessoas e me identificar e ter bastante orgulho de fazer parte desse chão que é um pedacinho de São Paulo. São Paulo, costume brinca, é uma grande colcha de retalhos e cada subdistrito é um retalho. Cabe a nós costurarmos, mas nós temos a obrigação da gente trabalhar o nosso retalho para ele ficar bonito e bem apresentável e o nosso retalho se chama Casa Verde. Obrigado e boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Queremos agradecer o Lino, que traz a

ideia de um CEU ambiental, traz esse debate tão forte na sociedade paulistana do verticalizar ou não verticalizar, que a gente está tentando dissipar essa questão para a gente tentar entender o que é adensar populacionalmente e aí a necessidade de verticalizar ou não. Então estamos amadurecendo nesse debate.

Tem a palavra o Wilson Bernardino dos Santos, do Movimento de Moradores. Obrigado não só por ter vindo, mas pela contribuição que você vai dar aqui.

O SR. WILSON BERNARDINO DOS SANTOS – Boa noite à Mesa, boa noite a todos. Eu praticamente nasci na zona Norte e fico muito feliz o quanto a zona Norte cresceu e junto com o crescimento de uma cidade como São Paulo vem os problemas e é isso que nós estamos a discutir nesta noite.

Eu queria jogar um pouco de luz para os vossos pensamentos, que muitas vezes há alguns conflitos de ideias, mas todos somos cidadãos paulistanos e queremos o melhor para nossa cidade para que nós também tenhamos uma vida digna e possamos criar os nossos filhos de viver bem na nossa cidade.

Uma das coisas que eu fico assim entristecido é de ver alguns conflitos entre cidadãos que defendem suas partes e muitas vezes não dão tanta atenção a outras. Por exemplo, nós, na habitação, defendemos o nosso lugar, nós precisamos de uma moradia, nós trabalhamos o dia inteiro, você terminou seu dia de trabalho, você tendo o lugar para ir, vai para sua casa, dá um abraço no seu filho, um beijo na sua esposa, no seu esposo, ali você descansa, ali você se alimenta, você convida seus amigos e seus familiares e ali você tem o orgulho de chamar de seu lar, onde você se encontra, onde todos podem te encontrar, que é a sua casa.

Por outro lado, muito importante é o meio ambiente, porque nos dá vida, é algo que é indispensável para o bom funcionamento do planeta, não só da nossa região, não só de São Paulo, não só dos estados, mas sim do mundo inteiro, no mundo inteiro a gente tem essa discussão sobre meio ambiente. Mas aí a gente encontra aí o conflito do pessoal da habitação

com o pessoal do meio ambiente, o pessoal da zona rural com o pessoal do meio ambiente por quê? Porque o pessoal da zona rural querem terras para plantar, para produzir alimentos que, pro sinal, chega em nossas mesas todos os dias, graças a Deus, e o pessoal da moradia quer morar, porque acho que ponte não foi feito para família. Foi feito para família ponte? Acho que não, calçada eu também acho que não e eu acho que a dignidade é isso, é você ter o seu alimento, é você ter o seu trabalho, é ter onde morar, mas também é indispensável quando cuidamos do meio ambiente.

Para não tomar muito tempo, é só para jogar um pouco de luz. A conclusão disso é que nós devemos nos unir para que possamos fazer, aproveitar essa discussão, são poucas as oportunidades e como nós temos essa oportunidade e vamos fazer com que isso seja muito proveitoso, tanto para mobilização urbana, para habitação, enfim, para todas as áreas e segmentos da nossa cidade.

Eu tenho visto que a discussão, uma coisa que chama muito a atenção hoje é a mobilidade urbana, como foi mostrado aqui no led e às vezes tem conflito entre carros e pessoas, bicicletas, ônibus, enfim, às vezes muitos acidentes, pessoas que já perderam suas vidas por causa do trânsito e isso é muito preocupante. A faixa de ônibus ajudou bastante, ajudou muito a diminuir o tempo e tem para todos os projetos um aprimoramento, isso requer um tempo para que aquilo se aprimore para que realmente funcione de uma forma correta, não é verdade? Eu estive pensando sobre isso, conforme foram feitas as faixas de ônibus, diminuiu também o espaço de carros e eu costumo, agora deixo o carro em casa, pego ônibus, mas esse trecho aqui do começo da Avenida Casa Verde, aqui mesmo, para pegar a Praça Delegado Amoroso Neto, para pegar a ponte do Limão, ali trava de tal forma que eu já cheguei a ficar 40 minutos parado naquele pedacinho e é um pedacinho, uma quadra, e ali para mesmo, trava. Então o que acontece? O transporte público está melhorando em questão de mobilidade? Sim. Mas ainda existe a questão de lotação, você ainda pega o veículo lotado, as vezes, com certo atraso tem uma linha aí que fiquei vinte e poucos minutos esperando ônibus,

que é a linha 971V, Center Norte-Vista Alegre, é muito demorada essa linha e não sei o motivo que ela demora tanto.

Mas na condição de melhoramento no transporte urbano eu tinha aqui uma sugestão para o rodízio, porque na verdade o rodízio também ajuda no ar da cidade, menos poluição e tendo em vista a melhora do transporte público pode se fazer o rodízio do carro com final par e ímpar, o dia par os carros par.

Eu ia falar um pouco de outra questão, mas creio que tem sido proveitosa minha fala para não tomar tempo. Mas melhorando isso, fazendo essa questão do rodízio, melhorando o transporte urbano e fazendo essa questão do rodízio de par e ímpar eu acho que vai melhorar bastante a mobilidade urbana. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Quero agradecer o Wilson Bernardino dos Santos, que começou a fala dele falando da questão da moradia digna para produzir uma cidade justa. Essa é uma das principais recomendações que a gente tem para trazer para dentro do Plano, a oferta de terra para que a população tenha condição e acesso às unidades habitacionais e aos bairros complexos. Essa é uma questão refletiva do Plano que a gente quer construir junto com vocês.

Quero chamar outro conselheiro eleito, o Ulisses de Oliveira, que é do Coletivo Juventude Ativa. Agradecer também a contribuição que ele vai nos dar e parabenizar pela grande performance eleitoral. Tem a palavra. Depois do Ulisses temos mais duas inscritas e na fala do Ulisses a gente vai encerrar as inscrições.

O SR. ULISSES DE OLIVEIRA – Boa noite. Essa discussão do Plano Diretor, pelo menos a gente fica meio aflito porque é necessária uma base muito técnica, a gente fala muito de concreto, de prédios, de linha de metrô e a gente está tão preocupado com os nossos problemas locais que lá – eu sou do distrito de Vila Nova Cachoeirinha – e os problemas são muitos, até diferentes do que vimos que foram colocados, mas é muito interessante porque você humanizou um pouco a questão, um pouco não, bastante, com essa visão mais

sociológica que essa preocupação que a gente tem da violência na periferia e no meu ponto de vista contribui muito para essa violência, para esse problema da juventude a maneira como está estruturada a cidade, o bairro, a dificuldade que nós temos de ruas estreitas, de ônibus que não passa em todos os lugares por uma questão de espaço, moradia indigna.

O Parque Linear do Córrego do Bispo está previsto há mais de dez anos e nunca se teve uma discussão com a população local de que maneira vai se dar esse parque, nem se falava em Rodoanel Norte, o Rodoanel Norte está sendo construído, devastando a Serra da Cantareira, que está do nosso lado e somos privilegiados por estar aqui tão próximo, a gente, na Cachoeirinha mais próximos ainda, são centenas e centenas de caminhões passando na nossa porta todo dia, a casa tremendo, os buracos aumentando, aquilo é praticamente insuportável, agora que está chovendo a poeira diminuiu um pouco, mas a poeira invade as nossas casas e o parque linear não está sendo discutido e isso nos preocupa porque tem um grande número de população que mora no entorno, na margem. Nós, moradores, até por culpa do Poder Público, a gente não cuida da nossa Serra da Cantareira, ela está sendo degradada a cada dia, as pessoas continuam ocupando os espaços indevidamente, por uma questão até de necessidade, as pessoas continuam morando em cima dos rios, a cada cheia que dá o Córrego do Bispo está alagando, a enchente está lá, se você passar hoje na São Roque de Lima você vai ver um monte de lama das chuvas e a gente não está discutindo essa questão. A gente está discutindo uma questão mais ampla, que é importante, repito, mas é muito importante que a gente começa discutir de lá para cá.

A Agenda 21, na Eco 92 trazia um monte de conceito do local para o global. Acho que essas questões que a gente gostaria de estar discutindo hoje aqui, que são mais locais, são mais nossas, vai se dar muito por conta do Conselho Participativo, eu acredito. Acho que vai passar muito por ele essas discussões. Não dá hoje para a gente ficar discutindo a demanda de creche, de educação, de melhoria nas escolas, de integração de CCJ com as escolas locais e é necessário fazer isso, descobrir onde estão os grupos que fazem cultura na

periferia, que fazem muito. O William trouxe a questão da Casa Verde, do esporte e das escolas de samba. Os grupos que fazem cultura na periferia. Tem o Hip Hop, o Fank e outras coisas que estão acontecendo e não integramos a isso. E o Poder Público não está com essa preocupação. Não sei se vão jogar essa bucha, entre aspas, para os conselheiros resolver. Não sabemos como será estudada essa dinâmica de atuação dos conselheiros. Mas vejo que teremos uma preocupação muito grande, porque estamos no bairro, estamos no dia a dia e já tem gente pedindo para eu mandar cortar árvore, tapar buraco. Minha esposa disse que não que fila na porta de casa...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vou te contar uma coisa. Eu fui autor da emenda aprovada do conselho participativo. E para isso fizemos dezenas de reuniões parecidas com essas, e em uma delas, a Conceição, moradora da zona Leste, me disse; tudo bem, serei conselheira, mas quero saber quem vai me dar respostas para as demandas que recebemos da comunidade, porque o meu endereço o meu povo sabe, o povo sabe onde moro, batem na porta da minha casa. O de vocês, Vereadores, não! As pessoas não chegam em suas casas, mas na minha vai chegar. Temos de estabelecer uma relação de muita força, de muita responsabilidade no tratamento daquilo que o conselheiro recebe. Nessa mesma reunião tivemos um colega, o “raposão” da zona Sul, do movimento Anchieta, movimento forte de moradia, disse o seguinte, - estávamos discutindo as cem assinaturas, achamos necessário apresentar nossa proposta, eu apresentar propostas, vou dizer para as cem pessoas o que pretendo fazer, estou entendendo a importância disso, mas quero saber que conseguisse assinaturas de entrar e nada fazer quantas assinaturas precisa para tirar ele de lá. isso mostra duas preocupações muito grande que ainda, as pessoas que discutiam o conselho tinham: primeiro ter gente boa como vocês; segundo ter forças junto as autoridades públicas locais e as autoridades públicas centrais para que essa escuta apurada da população chegue com qualidade mudando decisões. O fundamental, é o que importa para o povo que te fala todo o dia, tem de portar o mesmo para mim. E tem de importar o mesmo para eles. Por mais difícil

que seja a decisão que eu tenha de tomar ela tem de ser parceira da vontade que você revela na ponta, que você está escutando as pessoas. Essa questão nos parece fundamental e isso faz com que as engrenagens conversem todos os dias e com isso as pessoas sintam que as decisões venham ao seu favor, não contra a população. Mesmo nas coisas menores, ah, não consegui acordo, consegui acordo e as coisas grandes, consegui grandes equipamentos de cultura, que revela para o bairro uma nova regra de encontro de pessoas, ou uma praça que foi tão bem feita junto à população que ela passa a ser o ponto de encontro daquela sociedade que até então tinha o boteco para se encontrar. Essas coisas que vão mudando a vida da cidade, muitas vezes não é um grande investimento, mas a capacidade de revelar uma grande ideia porque as pessoas sonharam com aquilo e quando o Fernando mostrou um pouco o eixo e foi a primeira vez que vi alguém apresentar isso, o eixo de estruturação local ele vai ao encontro do que você falou. Tem coisa muito grande, mas estamos aqui esperando uma transformação do nosso território, seja na questão da habitação, que foi um pouco por onde ele percorreu. Pegou um pequeno córrego, que em tese tem uma favela, uma comunidade, ele disse: olha temos de garantir espaços no mesmo eixo, então ele foi até a área mais nobre que foi revelada pelo Lino, ele percorreu o córrego todo, até a área que não é favelizada, mas tem ainda condição de construir ali, edificou habitações onde o terreno é mais caro, de interesse social, então você faz com que a cidade revele justiça, melhorou todo esse córrego colocou equipamento público, deu praça, porque você trabalhou um pouquinho na verticalização, em um adensamento equilibrado, mas revelou espaço de encontro das pessoas. Então é um pouco do que ouvimos em quase todas as reuniões. Uma cidade que não se encontra mais. Não estamos permitindo as pessoas se encontrarem. Três horas e pouco que as pessoas são obrigadas a circular funcionalmente indo e voltando o trabalho. Sábado, onde cada um tem uma tarefa para dentro de suas casas e portanto, também não consegue e aí sobra o domingo que muitas vezes o sofá e a TV é o endereço de todos. E com isso deixamos de ter a alegria de encontrar as pessoas, porque isso faz na vida. A gente só vive 11 milhões e meio, tudo

junto em São Paulo, porque gostamos de ver gente, se não teríamos ido para o mato. Gostamos de ver gente. E ver gente é para ter alegria. Para fazer a cidade alegre. Então um pouco do que o Fernando apresentou hoje é como vamos fazer uma cidade que as pessoas se veem, tem um carinho, se respeitem, enfrenta um pouco essa questão da violência urbana. É gente se encontrando para fazer o bem. Fico feliz com a fala do Fernando, ser coroado com muitas das outras, vai mostrando isso.

O SR. ULISSES DE OLIVEIRA – Concluindo quero dizer, reforçando a importância do poder público, discutir para a comunidade da Cachoeirinha, a questão do Parque Linear, a importância de integrar a ciclovia da Inajá, terminar a ciclovia interligando o Parque, será um parque de uso público que atende a demanda da Pedra Branca, Jardim Peri, Jardim Antártica, Santa Cruz, até o Vista Alegre. Parque de uso comum, como o Horto Florestal. Onde possa ter em toda sua extensão equipamentos de esporte, lazer, parque linear do Córrego do Bispo, parque que recebemos água cristalina na fazendinha, depois torna um esgoto e vai até, já está desapropriada, porém tem o Rodoanel que está acabando com ele lá, mas enfim. Encerro dizendo que a questão do conselho participativo, que nós, conselheiros eleitos precisamos, não vamos resolver problemas de ninguém, o desafio maior nosso é mobilizar as pessoas a se organizar para que reforçamos, e junto com o poder público local a discussão dessas demandas. E de que forma iremos dar os encaminhamentos. O poder público local, subprefeito, tem de estar presente nos distritos, nos bairros discutindo com a população, lá no local, onde temos uma carência muito grande, não conhecemos os últimos dez subprefeitos. Não tenho notícia. Precisamos de audiência na escola local para gente discutir, para eles verem a cara, vê que as autoridades estão preocupadas com aquele problema, que também é sabedor daquele problema e acredito que o conselho participativo vem para somar, não para pegar no pé do subprefeito. Ajudar a resolver esse problema que sabemos que são muitos. Dá transparência para aquilo que esta sendo feito, e se não está sendo feito, porque não esta sendo feito. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Antes da nossa reunião, eu fiz duas visitas. Fui visitar parte das famílias que vem sendo removidas por conta da obra do Rodoanel, fui no Parque Itaguaçu. Dois ambientes: um ambiente protegido, considerado um bairro de classe média, até média alta que é o Itaguaçu e como tem sido as remoções na parte popular. Digo, as imagens que colhemos, parece mais um espaço de guerra. Quando observa que ainda tem lá, 40, 50 famílias no meio de um monte de escombros e a obra passando ali, é assustador o que acontece ali. Precisamos ter um olho vigilante a essa situação. Duas interrupções na obra já foram realizadas por total equívoco do empreendedor que desmatou muito mais do que o projeto o autorizava. Essa questão temos de trocar muita informação de quem está no território para não deixar falhar. Como o Ulisses disse; a Cantareira é um bem de todos e tem de ser protegidos por todos e não é autoridade pública que tem autorização para tirar isso da gente, temos de estar vigilante a essa situação.

Passo a palavra a Sra. Adriana Torres.

A SRA. ADRIANA TORRES – Boa noite a todos. Sou da UMPA – União de Moradores do Jardim Peri Alto, que está na vulnerabilidade da vulnerabilidade. Estamos próximos de onde está acontecendo o rodoanel. No entanto da minha casa, moro bem no alto, dá para ver o Rodoanel. Criamos essa associação com uma grande preocupação. É um pouquinho do que o Ulisses vem falando, de que somos até vizinhos de bairro e a nossa preocupação é a mesma. Hoje passando pela questão ambiental, questão de moradia digna, estou bem próxima de um futuro melhor. É uma tristeza imensa andar por aquele lugar. Foi pedido para fazer limpeza dos córregos, como o Ulisses disse, passa o córrego lá no fundo, cai lá em cima na fazendinha, com a água limpinha, mas quando chega lá fede. A rua que passa, que é a Gervazio Leite, está fedendo esgoto. Porque enche tudo, ônibus não passa, as pessoas não passam. É muito bonito o que estamos ouvindo aqui, muito legal. Mas só quem mora na ocupação é quem vem se conversando há anos a questão de urbanização e nada há mais de 10 anos não foi feito nada. Essa é uma das nossas preocupações. As ruas estreitas

como o Ulisses disse, um ônibus passa, outro não. Muitas vezes o motorista se irrita, ele volta dali, passa para outro lugar, desce todo mundo. Não é digno. O povo tem direito a moradia, a educação, a saúde, mais isso ainda não chegou lá. Estamos muito preocupados. Não temos saúde, não temos quem nos atende lá. É o Vila Dionisia, que é muito triste, porque muitos de nós não somos atendidos, porque quem tem seu plano de saúde capenga, vai no plano de saúde capenga. E quem não tem? A questão do Meio Ambiente, está levando nossa Serra da Cantareira – foi bonito, maravilhoso, até na novela falaram da Serra da Cantareira – e nós, aqui, moradores do Jardim Imperial, moradores da Vila Nova Cachoeirinha, moradores da Casa Verde, o que fizemos? Nem nos mexemos. Qual foi nossa atitude? Está lá desmatando. Está acabando com tudo. Era um pedacinho, agora um pedaço grande. Ai vem o Parque Linear, quando vai vir? Essa foi a pergunta. Quando foi feito o projeto de urbanização do futuro melhor, já estava o córrego. O Córrego do Bispo, Parque Linear, todo bonitinho lá, posto de saúde, Unidade Básica de Saúde, Emef, EMEI, onde estão? Será que irá entrar nesse plano diretor? Não sei. Tem de entrar. Precisamos de um posto de saúde. Será que vai entrar? Passaram vários subprefeitos, mas ninguém nunca foi lá ver. O posto da Vila Dionisia está super lotado. Eles não estão aguentando atende nossa população. O que vamos fazer? Conseguimos eleger pessoas da Vara Conselheiro, o Ulisses, Sandra, Iraildo que não está aqui hoje. O que vamos fazer? Esse plano diretor, ele vem para as áreas vulneráveis, de vulnerabilidade. Ele virá para nós? Somos do fundão, do fundão da Cachoeirinha, junto com a Brasilândia. Estamos bem próximos da Brasilândia. É um questionamento, e assim convidamos o subprefeito para fazer uma visita. É muito triste o que está acontecendo. O ônibus sobe, tem buracos, tem o fank que toma conta da rua, e com isso não passa carro, ambulância, policia, não passa ninguém. Mas eles estão ali se divertindo. Então qual o programa cultural que irá trazer para o fundão da cachoeirinha? Precisamos de propostas que venha para o fundão da Vila Cachoeirinha.essa é a nossa história. Esperamos que diante dessas audiências públicas, poucas que tenho participado, mas sempre tenho falado, peço que aguardem que temos o

retorno e esperamos que realmente tenha esse retorno em todos os sentidos: saúde, educação, moradia e dignidade, é que temos ter acima de tudo.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço a Adriana o que a UMPA tem feito em um território um pouco longe daqui.

Com a palavra a Sra. Cícera.

A SRA. CICERA – Fico triste, porque muitas vezes passo, vejo pessoas sem moradias, as ruas esburacadas na nossa cidade e precisa que o governo faça alguma coisa. Elogio muito eles, o Sr. Prefeito, os Vereadores, o Presidente, por tudo que tem feito por nós. porque se não fosse essas moradias e que seria de nós. Pagando aluguel o tempo todo. Temos de agradecer a Deus por isso. É necessário que o nosso Governo faça alguma coisa pela nossa cidade. Estamos precisando. Era o que tinha a dizer, Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Com a palavra o Sr. Miguel.

O SR. MIGUEL – Moro no Jardim Peri, próximo ao mercado Juazeiro. Cumprimento os componentes da Mesa, pela atividade aqui conversando com a comunidade, cumprimento os presentes. Quero elogiar o trabalho que está sendo feito e espero que se concretize, talvez não estarei aqui para ver, estou com a idade já um pouco avançada, porém é grande importância esse trabalho. É necessário que quando for realizar as obras converse com a comunidade porque pode haver algumas consequências na comunidade em relação as obras que serão feitas. Aproveito para informar que para mim a instituição estatal de São Paulo mais democrática chama-se Sabesp. Ela, toda última terça do mês faz reunião com comunidade, na sede da Casa Verde. Faço um pedido ao subprefeito, para que todos, que estão na reunião da comunidade cobra a presença de um representante da subprefeitura, para que eles possam dizer para a subprefeitura, suas lamentações, suas reivindicações. O pessoal é pacífico, não precisa se preocupar com agressão, quem coordena a reunião é o Reginaldo que é uma pessoa sábia, sabe lidar com a situação. Ele visita os locais de trabalho da Sabesp aonde for, e é importante ter elementos da comunidade nessas reuniões, pois é melhor para fazer o

trabalho que tem de ser feito na comunidade. Esse é um pedido que faço ao subprefeito, que mande representantes nas reuniões para que possamos dialogar com a subprefeitura.

Companheiros, quem puder ir nas reuniões na Sabesp, é fácil. É só pegar o ônibus 9090, no terminal, ele passa pertinho da caixa d'água da Casa Verde. É fácil então participar. Também é democrático. Se houver vazamento em sua rua, pode levar o problema que eles resolvem. Isso aconteceu comigo.

Aproveito também a oportunidade para entregar ao subprefeito uma reivindicação. Eu protocolei na Subprefeitura, mas quero reforçar o pedido. É para a confecção de uma escadaria entre as ruas Santa Rita do Itueto e Santo Antônio do Pirapitinga, lá onde eu moro. A escada há anos precisa ser feita, é uma escadaria que será com um grande active. É importante que seja feita, por facilitar o acesso da população.

Obrigado, desculpe-me se me alonguei.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço muito o Miguel, que não trouxe somente demanda, mas informações da Sabesp.

Não há mais inscritos. Voltarei com a palavra à Mesa. Antes, vou dizer que ao saírem podem levar este formulário. Esse formulário permitem que reflitam em casa, com os vizinhos, e enviem à Câmara – o porte está pago – sugestões. Hoje, dialogamos com vocês e muitos falarão com os vizinhos, com os amigos. É bastante importante essas sugestões, que podem ser feitas pelo formulário ou pela internet. Quem tem internet em casa ou no trabalho, vai até o site da Câmara Municipal de São Paulo, há um ícone no centro da página tratando do Plano Diretor. O mesmo campo que há no formulário também está na página da internet. Essas sugestões são importantes, pois facilitam ao nosso relator – Vereador Nabil Bonduki, arquiteto, urbanista, professor da USP -, pois serão referências de onde vieram as contribuições. É muito mais forte quando podemos contar para as pessoas o porquê houve uma alteração do proposto pelo Executivo, quem motivou essa alteração. Por exemplo, na reunião tal, o morador de tal

vila, de tal bairro.

Passo agora a palavra ao Takeda, havia feito essa promessa. E como neste território temos o Largo do Japonês, não poderia deixar de ter um japonês na mesa, seria injusto! (Risos) Tem japonês na mesa, na reunião, conselheiro, vamos juntando. E para coroar essa participação, e ressalto o Largo do Japonês, que é meio confuso, não sabemos aonde atravessar, são tantos os ônibus e carros... Estive lá de bicicleta, levei tempo para entender como atravessar o Largo do Japonês.

Brincadeiras a parte, agradeço muito o Takeda que está ajudando muito a Subprefeitura, e que nos ajudará para fazermos o encerramento.

O SR. TOSHIYUKI TAKEDA – Boa noite a todos. Tenho orgulho de estar representando a colônia japonesa, acredito que eu que sou o primeiro chefe de gabinete na Sub da Casa Verde de descendência japonesa. Orgulho-me, mais ainda, de estar no Conselho de Participação da comunidade. As pessoas com quem vínhamos conversando, dizendo que precisavam participar, quando o processo estava prematuro, elas se empolgaram, participaram e dessas pessoas, algumas foram eleitas.

Estão aqui – se não me falha a memória – cinco conselheiros: Ulisses, grande batalhar, teve dois mil votos; Renê, com mais de dois mil votos, parabéns, não é para qualquer um; Massa, representando a colônia; Soares, representando a Vila Nova Cachoeirinha; Lino; e o Bochecha, que está escondido; Sandra. (Palmas) São vários os conselheiros eleitos aqui presentes. Parabéns a todos. Os seis candidatos eleitos representam 30% dos votos obtidos na nossa Subprefeitura. A grande vantagem é que quatro são da Vila Nova Cachoeirinha, vejam que peso, pois esse time terá de puxar pela Vila Nova. Outra vantagem do conselho é que há pessoas da Vila Nova, do Limão e da Casa Verde, e cada um defenderá o interesse do seu distrito. O interesse do Lino é diferente do da Vila Nova Cachoeirinha. Esse é o fator mais importante da composição dos conselheiros. E espero que os conselheiros não sejam apenas zeladores, como nós da Subprefeitura. Temos de discutir algo macro, como o Ulisses citou.

Foi feito estudo para a implantação do Parque Linear do Bispo, e não fomos consultados; está sendo feito o Rodoanel, não tivemos consulta. Esse é um fator importante para que participemos e, de repente, bloquear, sustar o que não é do nosso interesse. Esse é o trabalho que precisamos fazer, e os conselheiros não estarão sozinhos. A subprefeitura – querendo ou não – terá de aceitar o que for deliberado pelos conselheiros, que foram eleitos para isso. Vejo a preocupação do Ulisses que levam a ele a questão, por exemplo, da poda, dos buracos. Mas temos de pensar em algo maior. Deixe o buraco, a poda que a subprefeitura resolve. Vamos pensar no macro.

Você falou do Bispo, mas temos outro problema sério relativo ao Córrego do Guaraú. O que está sendo feito? O Bochecha passou maus bocados, ficou um buraco, e levou um ano para ser feita a obra. Um absurdo! Um buraco que quase pega o outro lado da rua. Temos então de discutir o macro, e vocês vão participar.

E conversando com o subprefeito, discutindo há tempos, graças a Deus temos um bom relacionamento, queremos que os conselheiros participem da administração da sub. Não sei como o subprefeito vai determinar, mas creio eu seja isso. Estamos pré-dispostos a trabalhar em conjunto. Qual é a vantagem? É ter uma pessoa de cada distrito, cada um com sua cultura diferente, mas com interesse comum, o bem-estar da nossa subprefeitura.

Para encerrar, o nosso colega falou sobre as visitas. Uma das coisas que temos discutido - e o subprefeito só assumiu em outubro - vários planos de ação. O Ulisses é um parceiro que fala, desde o início, o que devemos fazer. A partir de 2014 a ideia é que as reuniões sejam nas entidades, nos bairros. Não vamos ficar esperando. Sei que vamos tomar “porrada”, no bom sentido, mas vamos ter fôlego para realizar. Seremos sinceros, quando não der para realizar determinado pedido, vamos dizer, seremos sinceros: não vai dar pra fazer, pelo menos agora. Vamos batalhar e os conselheiros estão aí para buscarmos mais verba e tenhamos condições de atender a todos os interesses.

A previsão é que vamos trabalhar mais fora do que dentro da Subprefeitura. Dentro,

são os técnicos que vão trabalhar; e fora nós vamos verificar quais são as necessidades da população.

Obrigado a todos.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Acabei de fazer uma proposta ao Fernando, ele vai levar ao Fernando Melo Franco, Secretário.

Que bom, senhores, chegaram o Vereador Calvo. Estamos concluindo a reunião. Senta aqui.

Vamos tentar fazer uma reunião chamando os conselheiros para ter a oportunidade de fazer uma apresentação do Plano da cidade inteira. Os conselheiros acabaram de ser eleitos, e me parece fundamental que cada um tenha essa oportunidade. Será apresentado pelo Secretário, quem sabe até o Prefeito, também apresentado pelo relator – Nabil Bonduki. Apresentar o Plano para os nossos 1.125 conselheiros, levando em conta um ponto fundamental, o Plano de Bairro. O Plano de Bairro é uma nova disciplina lançada na proposta do Plano Diretor e tem muito do que falamos aqui. Quem vota o Plano de Bairro são os conselheiros do distrito. Um pouco das regras de funcionamento do bairro, por exemplo, reserva de área para equipamentos públicos, qual a realidade que a Adriana nos passou: olha, temos bairros completamente incompletos, se não falta tudo, falta quase tudo. Falta dignidade, não se tem nada, e há então falta de felicidade dessas pessoas que ali residem.

Temos então a ideia lançada no Plano Diretor de dar muita força aos conselheiros para votarem os Planos de Bairro, a forma como os bairros se organizarão. O Luís falou sobre ruas estreitas em muitos bairros. Isso é verdade, mas é que foram construídos com o suor do trabalhador. O trabalhador foi lá, associou-se, comprou uma gleba, às vezes foi via loteador, que fez, não fez bem feito, mas era a oportunidade de sair do aluguel.

Fundamental então é entendermos o Plano de Bairro e apoiá-lo. Temos de construir um grande consenso em torno dele, pois todos têm de entender o que nele está. Acabar com

esse negócio de um Plano que funciona para os riscos, que moram no centro, mas não na periferia. Há uma história mal contada de que essa lei é para os outros, não pra gente. Uma das questões fundamentais contidas no Plano atual é que ele tem que ser para quem mais precisa. Se não, não adiantou o Plano. Se não construirmos um Plano que, de fato, ponha o dedo nos problemas – e todos que foram ao microfone falaram disso – não vai adiantar. Podemos anunciar algo Estratégico, mas pra quem? Pra quem mora no centro estar melhor? Pra quem já tem metrô perto de casa ter outro? Pra quem já tem universidade na porta ter mais uma? Ou invertemos o processo ou não adiantou todo esforço.

Preciso lhes contar que o que têm trabalhado esses garotos – e os chamo assim pois são mais novos do que nós, que estamos na Câmara – lá na Secretaria do Desenvolvimento Urbano, nos dá muito orgulho. Há muita gente trabalhando para que o Plano dê certo. E o conselho vem na hora certa. Tem uma hora que bate o cansaço na gente. Estamos na 38ª ou 39ª audiência pública. Num certo momento, vamos precisando de gente como vocês, que querem que as coisas deem certo. É fundamental que entendam o quanto precisamos de vocês para fazer com o Plano deixe a cidade com a cara que ela tem de ter.

Não vou concluir, o Vereador deste território fará a conclusão. Agradeço a cada um que veio até aqui. (Pausa)

Claro, pode falar.

O SR. TOSHIYUKI TAKEDA – Vereador, quando da minha apresentação o senhor falou muito bem do japonês. Esqueci de convidar a todos para a reinauguração do Largo do Japonês, dia 14 e dia 15, sábado e domingo.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Isso mesmo. Vai ter comida típica, dança, esporte, etc. Os convites são para divulgar, todos podem ir. Temos de nos encontrar em momentos alegres, a cidade precisa produzir felicidade.

Despeço-me, temos de encerrar com uma fala chata, formal, “não temos mais nada a tratar”, mas sabemos que temos muito a tratar. As audiências públicas terminam assim, não

sou eu, mas é o Vereador Calvo que encerrará que, além de amigo, médico, vem de família que se dedica à vida pública. O Dr. Calvo nos deixou recentemente, mas está próximo por conta da espiritualidade que sempre teve, não vai deixar de estar ao nosso lado. Agradeço à família Calvo, a cada um de vocês e especialmente aos conselheiros tutelares, conselheiros participativos que aceitaram o desafio. A vocês eu dedico todas as nossas audiências públicas. Quem sabe consigamos – antes da conclusão dos trabalhos – uma com os senhores, para vocês entenderem essa dinâmica.

Muito obrigado.

O SR. CALVO – Boa noite a todos. Só pude chegar agora, pois estava em outras atividades na Câmara.

O que o Vereador Police disse é verdade, são 38 audiências públicas da Comissão de Política Urbana. Na Comissão de Saúde estou fechando o ano com 32 audiências públicas, afora as reuniões ordinárias. Temos trabalho muito, o grupo é muito bom. Graças a Deus, a Câmara Municipal de São Paulo tem trabalhado muito. Eu pertenço a oito comissões.

Quando ele fez alusão aos jovens que estão tocando com criatividade, típica dos jovens de hoje, um Plano mais justo para a cidade de São Paulo. Quando homenageia os conselheiros que acabaram de se eleger, acalenta assim nossos corações, nos mostra que tudo tem jeito. Do jeito que as coisas acontecem em velocidade inversamente para o lado do mal, da tristeza, dos desencontros, da insegurança, daquilo que aflige todos os dias os nossos corações, desde a manhã quando acordamos até o instante em que vamos repousar, depois de muito trabalho, acalenta os corações quando vemos democracia. Quando vemos um garoto, que chegou na Câmara Municipal de São Paulo, há dez anos, muito menino, e a nossa amizade assim começou. Era amigo de seu pai, que também faleceu, e quando chegou seu pai era recém-falecido, um grande técnico da Prefeitura da área de Finanças. Foi ele quem me ensinou a fazer emendas orçamentárias. Tinha grande honra em receber o seu pai em nossa sala, inclusive a sala mais íntima do nosso gabinete ficava à disposição para que atendesse

outros Vereadores. Mas eu não conhecia o Netinho, o Netinho que já trabalhava na Assembleia Legislativa. De repente, chega um jovenzinho lá e diz: sou Vereador. Eu tinha perdido a eleição, tinha assumido como suplente quando o Paulinho Teixeira se elegeu para deputado federal, e ele foi convidado para ser Secretário da Juventude. Nada mais lógico do que um menino, que batalhou desde cedo, filho de quem era, então demonstrando vir de boa cepa. Ocorre que por ciúmeira dos Vereadores da própria base do próprio partido, houve um movimento para que nenhum Vereador assumisse uma secretaria, pois o escolhido era um menino que havia acabado de chegar. Tive a oportunidade então, sem saber que era filho do meu amigo recém-falecido, de fazer um aparte, pegar o microfone, defender a sua ia e ele foi para a secretaria, não por minha causa, claro. O mérito era seu, já havia sido feito o convite. Demonstrou-se então ser um bom secretário. Voltou a Câmara, deu trabalho, demonstrou então ser um bom Vereador; depois foi um bom Presidente; e hoje está na Política Urbana, é um amigo.

Quando cheguei ai Parlamento também era muito menino, por causa do meu pai e de vocês, que acreditaram em mim, votaram, ajudaram-me. Na primeira reunião de líderes um dos Vereadores mais antigos, Brasil Vita, a quem respeitamos pela história, há 40 anos Vereador, o único que dá nome a uma sala, tem um busto em vida, é muito respeitado por todos os Vereadores. Falo disso para reforçar a presença dos senhores conselheiros que participaram de eleição e foram eleitos, referindo-me à participação junto à subprefeitura do local em que vivem, trabalham e criam seus filhos.

Brasil Vita então diz assim: Calvinho, você está chegando agora e eu vou te explicar que esta não é uma Casa de se fazer amigos, no máximo conhecidos. Graças a Deus, deu para provar o contrário. Lá uma Casa em que fazemos amigos, amigos sinceros, verdadeiros, que extrapolam a ideologia partidária, pois, de repente, somos governistas, temos de votar em projetos impopulares e assim por diante.

Mas é respeito e carinho, conselheiros, que espero vocês levem para a nova

atividade. Tomarão posse em meados de janeiro e em fevereiro já estarão a todo vapor, quando a Câmara Municipal de São Paulo volta às suas atividades. E o Netinho é um dos precursores desse projeto que foi votado. Passou pelo Prefeito Haddad, mas já constava da Lei Orgânica de 88, nós colocamos na Mesa Diretora, quando fui o 1º Secretário da Câmara, eu e o então Vereador José Eduardo Cardozo, hoje ministro da Justiça, em 2001. Depois sofreu algumas modificações ficando mais democrático, graças a este garoto.

Quando ele fala garoto é no sentido da esperança. Quando ele fala dos conselheiros é da experiência, de alguns cabelos brancos que estão aqui, que participaram de uma votação, que querem – mesmo sabendo que financeiramente nada receberão – contribuir para o crescimento do nosso bairro, para construirmos uma sociedade mais justa. Isso é desenvolvimento democrático. A democracia é contínua, é continuada, ela não para, não tem limite. O limite da democracia é o amor ao próximo, que não tem limite. É o respeito ao próximo, que não tem limite. Tudo isso é próprio da nossa evolução, que também não tem limite. Sinto-me orgulhoso de estar aqui.

Hoje vim não só como morador, como representante do bairro, mas porque um dos Vereadores que não pode estar presente, sou seu suplente nesta Comissão. Venho como membro da Comissão de Política Urbana. É desnecessária a minha presença, o Netinho já disse tudo, mas é importante para eu estar neste convívio com vocês, receber harmonia e energia positiva, principalmente neste momento em que perdi meu pai. Perder? Não, eu sei que está num lugar muito bom, mas é difícil. Porém, tenho apoio de amigos, deste amigo que carinhosamente fez alusão ao nosso trabalho, a nossa continuidade, os nossos laços afetivos, uma trajetória de vida no bairro do meu pai, que a maioria conhece. Como médico foram 53 anos, 170 mil consultas. Quem não conhece é porque chegou agora no bairro.

O mais importante, hoje, é que estamos todos aqui, unidos, pelo bem comum. O que os senhores resolverem aqui, nós vamos votar na Câmara Municipal de São Paulo, vamos ajustar, passará pelo nosso crivo. É importante que eu participe, pois serei um dos que vou

votar, dos que vou interferir se houver o que completar ou tirar. Isso é democracia!

Parabéns a vocês!

Muito obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito obrigado. Um bom fim de semana. E todo mundo no Largo do Japonês, dias 14 e 15, quando haverá a reinauguração daquele espaço.

Boa noite, obrigado.
